

Impactos da formação superior: o curso de Administração

Impacts of higher education: the course of Management

Waldemar Marques*

Rogério Augusto Profeta*

Vanicléia Pinto de Oliveira*

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/231819822016113>

Resumo

Este artigo analisa a inserção socioprofissional do formado no Curso de Administração e a avaliação que faz quanto à formação superior proporcionada pelo curso. Assinala os “pontos fortes” e os “pontos fracos” do curso segundo a visão dos formados e destaca a relevância desse tipo de informação para a gestão acadêmica.

Palavras-chave

Impactos; administração; gestão acadêmica.

Abstract

This article analyzes the social-professional insertion of the graduates in Administration Course and the evaluation about the higher education provided by the course. Indicates the “strengths” and the “weaknesses” of the course through the graduates’ eyes and highlights the relevance of this kind of information for academic management.

Key words

Impacts; administration; academic management.

Este texto tem como objetivo discutir o papel da educação superior na vida de profissionais formados em Administração; analisar, a partir de dados de pesquisa empírica, o alcance da formação acadêmica, sobretudo no que se refere à vida profissional.

Os dados foram obtidos no decorrer de 2012 e 2013, através de um questionário a que responderam online os formados em Administração de uma

Universidade Comunitária do interior paulista. Está organizado em duas partes: primeiro, destaca a importância desse tipo de estudo e reflexão do ponto de vista da gestão da educação superior; segundo, analisa dados derivados de pesquisa junto a concluintes do curso, já ingressados no mercado de trabalho.

Adam Schaff (1995, p. 21-95), nas décadas finais do século passado, alertava sobre os enormes impactos

* Universidade de Sorocaba (UNISO), Sorocaba, São Paulo, Brasil.

da revolução da microeletrônica (e sua derivada, a revolução técnico-industrial), da revolução da microbiologia (e sua resultante, a engenharia genética) e por fim, dos impactos da revolução energética, sobre a sociedade e seus indivíduos. Esses impactos provocaram mudanças profundas e irreversíveis na formação econômica, social, política e cultural das sociedades contemporâneas e seus indivíduos. No limiar do século passado, quase adentrando o século XXI, Pierre Lévy (1999), ao destacar o fenômeno recente do novo espaço cultural contemporâneo por ele denominado cibercultura, discute a questão do conhecimento humano, apontando sua rápida transformação e mesmo obsolescência em curto período de tempo. Assinala o autor a “velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e savoir-faire” e a “nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimentos não para de crescer” (LÉVY, 1999, p. 157). Assim, os conhecimentos adquiridos por um profissional no processo de sua formação escolar perde rapidamente sua atualidade, significado e relevância, tal é a profundidade e rapidez das mudanças na sociedade e no mundo do trabalho. Nas palavras do autor, “a maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira ficam obsoletos no final de um percurso profissional, ou mesmo antes” (LÉVY, 1999, p. 173).

O fato é que, se nas sociedades modernas até meados do século passado, os conhecimentos adquiridos nas instituições escolares de formação

profissional, acompanhavam a pessoa pelo resto de sua vida, nas sociedades informatizadas do mundo contemporâneo a situação é outra, a exigir mudanças igualmente profundas nas instituições de formação superior. Diante disso, torna-se imprescindível distinguir, nos processos formativos, o que é essencial do que é circunstancial e de importância transitória.

Daí, entre outras causas, a crise da Universidade, conforme nos apresenta Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 10): “crise de hegemonia”, “crise de legitimidade” e “crise institucional”. Nessas circunstâncias, não bastam as avaliações e discussões, no interior das instituições de formação superior, dos programas dos projetos pedagógicos, das disciplinas e suas relações entre si, ainda que sejam de inegável importância e mesmo insubstituíveis. Nessas novas circunstâncias acima assinaladas, torna-se indispensável às instituições de formação superior conhecer e debater as características e tendências das mudanças sociais mais amplas, as mudanças no mundo do trabalho em especial, bem como o sentido dessas novas realidades e as exigências para as instituições formadoras. Em suma, novas exigências se colocam em termos de gestão acadêmica, gestão universitária.

Essas considerações se fazem necessárias a fim de evidenciar a importância de estudos que indiquem o que significa para os concluintes a realização de um curso superior, os desdobramentos dessa formação na sua trajetória de

vida, sua inserção social e, em específico, no mundo do trabalho.

A escolha do curso de Administração para trazer ao debate a questão acima destacada deve-se principalmente a dois fatos: o primeiro, o grande número de matriculados nesse curso quando comparado com a matrícula geral na educação superior no Brasil. O Censo da Educação Superior (MEC/INEP) indica que é o curso de maior procura.

O segundo fato é que o fenômeno da administração apresenta uma abrangência muito grande que perpassa o mundo das diferentes profissões e ocupações. Embora se constitua como conhecimento em si, como área de estudo reconhecida e como atividade profissional, é um conhecimento cuja prática se dá no interior de outras áreas de conhecimento e práticas profissionais: saúde, educação, transporte, engenharia, comércio, indústria e tantas outras.

Os dados coletados referentes aos concluintes do Curso de Administração, para fins deste artigo, destacam os seguintes aspectos: a educação superior como fator de mobilidade social; satisfação no trabalho; e por fim, a avaliação que os concluintes fazem do curso realizado.

Primeiramente, quanto à mobilidade social, a educação superior alcançada pelos concluintes do Curso de Administração coloca-os numa posição bastante superior em comparação aos seus pais. Nas famílias de origem dos formados em Administração nesta pesquisa, mais de um quarto dos pais

sequer chegou a completar o ensino fundamental; e apenas 13 de 100 conseguiram alcançar uma formação superior completa. Essa condição representa uma nítida vantagem do ponto de vista das oportunidades de ocupação e renda, sabendo-se que as pessoas com formação superior apresentam salário e níveis ocupacionais mais altos (DIAS SOBRINHO, 2013, p. 122-123; FEE, 2015, p. 1-3) e são menos sujeitas ao desemprego.

O principal motivo que levou os concluintes à escolha do curso de Administração é coerente com este quadro: perto de um terço aponta as oportunidades profissionais que o curso proporciona. Ou seja, a escolha desse curso é compatível com aquilo que os estudos sobre educação superior apontam: a educação como fator de inserção e mobilidade sociais, conforme apontado anteriormente, presente no imaginário dos estudantes. Importa, a partir dessa constatação a que os dados nos levam, saber que impactos apresenta sobre a vida dessas pessoas o fato de haver alcançado uma formação superior.

Primeiramente, deve-se destacar que mais da metade desses formados em Administração ocupam posições de chefia, seguindo-se cargos técnicos. Conforme Oliveira (2013, p. 63), os dados da pesquisa apontam que “mais da metade dos administradores formados” pela instituição pesquisada “ocupam posições de chefia ou técnicas”. Se comparamos esses dados com o quadro mais amplo do país (QUADROS; MAIA, 2010, p. 453-455), verifica-se que a maior

parte de força de trabalho se encontra em posições mais baixas das categorias ocupacionais, o que indica as vantagens da formação escolar superior. Se, de um lado, essa formação superior não foi suficiente para alçar a totalidade dos formados a posições médias ou superiores nas organizações onde trabalham, os dados comparativos apresentados atestam, mesmo assim, a importância da formação superior tanto como caminho para ascender a posições ocupacionais mais altas, quanto para preservar posições já alcançadas.

O mesmo pode ser dito quanto à remuneração: perto da metade dos formados em Administração ganha entre quatro e seis salários mínimos; perto de um quarto ganha acima de seis salários mínimos, sendo que uma proporção significativa destes recebe dez ou mais salários mínimos. Na outra ponta, cerca de um quarto percebe apenas até três salários mínimos. Esse fato coloca a grande maioria dessas pessoas numa categoria de renda acima do salário médio apurado pelo IBGE na Pesquisa Mensal de Emprego (2003-2013, p. 234-236).

Outra questão de especial importância no estudo do papel da formação superior na vida das pessoas refere-se à sua inserção profissional. No caso do formado em Administração, nesta pesquisa, em cada 100, perto de 70 deles trabalham na área para a qual foram formados, proporção que pode ser considerada elevada. Boa parte deles já trabalhava na área, mas boa parte conseguiu trabalho na área devido ao

estágio realizado durante o curso. Esse fato chama atenção para a importância do estágio e a necessidade das instituições formadoras atribuírem cuidados especiais a essa atividade acadêmica, porta de entrada para um mundo novo para o futuro profissional. A significativa proporção (acima da metade) dos formados em Administração que tiveram dificuldade para encontrar trabalho na área é um indicador a mais a relevar a importância do estágio.

Fato interessante a ser destacado é que a grande maioria dos formados em Administração participantes desta pesquisa demonstrou estar satisfeita com a sua trajetória profissional e com o trabalho que realizam.

Ao que parece, esse grau de satisfação tem a ver com o curso realizado, pois a cada 100 respondentes, 79 afirmaram que o curso realizado foi “importante” ou “muito importante” para sua vida profissional atual. Foram apontadas como aprendizagens mais significativas: planejamento, administração de pessoal, contabilidade e finanças. Com menor ênfase, foram apontadas as aprendizagens sobre estratégias/visão de negócios, empreendedorismo e teorias de administração.

Não obstante a importância do curso para a vida profissional, outras informações obtidas nesta pesquisa sinalizam aspectos importantes a serem considerados quanto à avaliação que os concluintes fazem do Curso de Administração. Nesta pesquisa, foi também apresentado aos formados

um conjunto de 22 questões para que eles se posicionassem quanto ao grau de importância do curso para sua vida profissional. As respostas indicam que não prevalece uma percepção predominantemente positiva sobre a formação recebida. Das 22 questões apresentadas, em apenas 4 delas, as opiniões dos respondentes são francamente favoráveis indicando impactos altamente positivos do curso para suas vidas; em 10 dessas questões, o posicionamento dos respondentes é medianamente favorável; e em 8 delas, o posicionamento é francamente negativo e, em relação a essas questões, a maioria das respostas indicou que o curso apresentou pouca ou nenhuma relevância.

O curso teve grande importância para a vida profissional nos seguintes aspectos: “ampliou minha cultura geral”; “favoreceu o [meu] desenvolvimento pessoal e profissional”; “contribuiu para desenvolver [minha] capacidade de organizar e planejar”; “ampliou minha capacidade de aprender”.

Em relação às questões seguintes, predomina entre os respondentes um posicionamento medianamente positivo quanto à formação recebida: “visão crítica sobre a sociedade”; “o prazer de aprender e a busca de novas aprendizagens”; “tomar decisões pessoais e/o profissionais de forma mais reflexiva”; “capacidade de comunicação”; “desenvolver habilidade na resolução de problemas”; “capacidade de trabalhar em equipe”; “compromisso ético”; “senso de responsabilidade no traba-

lho; “capacidade de análise e síntese”; elevação do “rendimento econômico”. Em outras palavras, se as aprendizagens referentes a esses aspectos foram significativas para pouco mais da metade dos respondentes, não o foram para quase a metade dos respondentes.

As questões que expressam um posicionamento que pende para uma visão francamente negativa quanto ao conhecimento proporcionado pelo curso referem-se a: “contatos pessoais e profissionais importantes” para a vida; “alcançar um status social mais elevado”; “desenvolvimento de uma cultura científica mais ampla”; “aquisição de conhecimentos científicos e tecnológicos numa área profissional específica”; “capacidade de adaptação a novas situações”; “habilidade de relacionamento interpessoal”; “habilidade para trabalhar de forma autônoma”; “desenvolver capacidade de gerar novas ideias”. Em relação a esses aspectos, a grande maioria dos respondentes indica que a importância do curso foi pouca ou nenhuma.

Numa tentativa de síntese, podemos dizer que os “pontos fortes” do Curso de Administração, na presente pesquisa, no que se refere a aspectos mais próximos da vida profissional, estão no desenvolvimento das capacidades de aprender, de planejar e organizar. No que se refere a aspectos mais amplos da formação superior, releva o fato de que o curso ampliou a cultura geral.

Quanto aos “pontos médios” do Curso, fora do alcance de quase a metade

dos que cursaram Administração, estão aspectos como a busca de novas aprendizagens, o exercício de pensamento reflexivo e a resolução de problemas; numa dimensão mais ampla, estão a visão crítica e a ética.

Os “pontos fracos” estão na deficiência do curso em propiciar maior cultura científica e conhecimentos específicos à área, não facilitando, enfim, o alcance de um status social mais elevado.

Na conclusão deste artigo, merecem destaque duas questões. A primeira delas é que a avaliação positiva da formação proporcionada pelo curso incide fortemente sobre aspectos mais estritos da prática profissional. Em relação a dimensões mais amplas da formação superior, que tendem a se aproximar do que poderíamos designar “formação cidadã”, como por exemplo, “visão crítica da sociedade” e “compromisso ético”, esta avaliação não parece ser positiva, sugerindo que esses aspectos do curso de Administração devam ser reavaliados.

Outro ponto a destacar é a existência de uma aparente contradição entre a avaliação positiva que os respondentes fazem sobre sua trajetória profissional, sua satisfação com as condições de trabalho atuais e a afirmação de que o curso contribuiu pouco para elevar o rendimento e a posição social. Essa aparente contradição pode estar ligada ao fato de se tratar de curso noturno em que os estudantes em idade adulta já estão no mercado de trabalho. Nesse caso, o curso superior, se, de um lado, não preenche plenamente as expectativas de

ascensão, do outro, certamente previne o descenso e tende a garantir posição já alcançada, questões que exigem pesquisa posterior.

Finalmente, do ponto de vista da gestão do processo de formação do profissional administrador, os dados e análises aqui apresentados podem fornecer valiosos subsídios para discussões que sugiram: a) os “pontos fortes” que a formação nessa área profissional deve privilegiar e manter; b) os “pontos fracos” que exigem atenção especial na gestão do projeto pedagógico do curso.

Os resultados obtidos nesta pesquisa talvez possam também corroborar a visão de Nicolini (2003, p. 44 - 54) sobre as escolas de Administração no Brasil, como “fábricas” de administradores, uma vez que fizeram mera transferência de metodologia de formação adotada pelos norte-americanos na década de 1959, adstrita às circunstâncias da industrialização, por exemplo, como condicionante de um ensino focalizado na capacitação técnica (o administrador primeiramente foi capacitado como Técnico em Administração). O “problema”, segundo o autor, agrava-se com a desvinculação do ensino de Administração das questões mais profundas da Pesquisa Científica, acrescentando-se a isto, as questões mais amplas que envolvem a sociedade e suas organizações. Aliado a esse problema, soma-se o excesso de regulamentação, com a fixação de currículo mínimo e delimitação de carga horária por área de conhecimento, além da multiplicidade de “habilitações” que predominou na

década de 1980 e 1990. Não bastassem tais limitações, a apresentação das áreas de conhecimento sempre foi feita de forma compartimentalizada e estanque, levando os estudantes a dificuldades de compreensão “holística” quanto à real finalidade do administrador, dado que a maioria foi levada à “especialização”, com pouca compreensão do todo da empresa e do contexto socioeconômico que constitui seu entorno.

Finalmente, perspectivas para o futuro da profissão, envolveriam um movimento dentro das Universidades e Faculdades de Administração no sentido do aprofundamento da reformulação do Projeto Pedagógico e das relações ensino/aprendizagem, com a utilização de metodologias didáticas mais adequadas ao desenvolvimento da compreensão mais ampla das práticas administrativas e seu impacto no desenvolvimento de empresas com consequente contribui-

ção para o desenvolvimento da economia e da sociedade como um todo. Esse movimento, contudo, não pode deixar de lado algo próprio da educação superior no Brasil, com especial destaque para os cursos de Administração, que é a predominância de alunos em cursos noturnos desenvolvidos em jornadas duplas (depois do trabalho regular), o que limita a possibilidade de um desenvolvimento mais aprofundado do significado e da prática da profissão do Administrador, com menor possibilidade de realizar atividades complementares à formação com mais afinco. Isso é destacado por Pinto e Salume (2013, p. 485-517), o que, de certa forma, corrobora a proposta de Nicolini. Ainda, assim, esta situação, dentro de um movimento que se propõe verdadeiramente renovador de propostas e práticas educativas, deve ser encarada não tanto como limite, mas como desafio.

REFERÊNCIAS

DIAS SOBRINHO, José. Educação Superior: bem público, equidade e democratização. *Avaliação - Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas/Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, mar. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Indicadores IBGE – Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa, 2003-2013*. BRASÍLIA, DF: IBGE, 2013.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). *FEE analisa a renda do trabalhador gaúcho*. Porto Alegre, RS: FEE, 2015. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/noticias/fee-analisa-renda-trabalhador-gaucha/>>.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NICOLINI, A. Qual será o futuro das fábricas de administradores? *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 44-54, abr./jun. 2003.

OLIVEIRA, Vanicléia Pinto de. *O profissional administrador: formação superior e emprego – um estudo de caso*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.

PINTO, M. R.; SALUME, P. K. Os significados do curso de graduação em administração para jovens alunos trabalhadores. *Administração: Ensino e Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 485-517, jul./set. 2013.

QUADROS, Waldir José de; MAIA, Alexandre Gori. Estrutura sócio ocupacional no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 443-468, set./dez. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHAFF, Adam. *A sociedade informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Brasiliense, 1995.

Sobre os autores:

Waldemar Marques: Graduado em Ciências Sociais (USP); Mestrado e Doutorado na área de Administração da Educação (UNICAMP). Atuou como pesquisador na área de Educação e Saúde (Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo [SESP]); pesquisador e coordenador de grupos de pesquisa na área de formação profissional (CENAFOR/MEC) e Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo; professor da UFSCar e Coordenador acadêmico do Campus Sorocaba da UFSCar; professor aposentado pela UFSCar. Área de pesquisa: Educação Superior. Atualmente professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISO. **E-mail:** waldemar.marques@prof.uniso.br

Rogério Augusto Profeta: Graduação em Administração (PUC), Mestrado e Doutorado em Administração (USP). Atualmente Pró-Reitor Administrativo da Universidade de Sorocaba (UNISO). **E-mail:** rogerio.profeta@prof.uniso.br

Vanicléia Pinto de Oliveira: Graduação em Direito e Mestrado em Educação (UNISO). Atualmente professora de graduação na UNISO.

E-mail: vany.oliveira@prof.uniso.br

Recebido em fevereiro de 2016.

Aprovado para publicação em março de 2016.